



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco, C. Dantas; C. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira, F. Paine; Gerasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thoma Ribeiro; Visconde de Monsarar; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Uma vergonha social*, por Afonso Vargas;—*A expedição franceza do Tejo*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*O Pregão*, conto, trad. de Alfredo Gallis;—*Pae*, soneto, por Sergio de Castro;—*In Memoriam*, por Alberto Telles;—*O vaso partido*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O Natal da peccadora*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Monsenhor Pinto de Campos*;—*As medalhas da «Beneficencia Brasileira»*;—*Depos da corrida: Festa de toureiros*;—*Modas*;—*Chalet das Rosciras*.

### CHRONICA

Estamos no inverno, diz a folhinha. E' peta.

Dias de sol esplendido, noites de luar magnifico... Passe o inverno muito bem. Não tivesse o Valdez a porta aberta, não volitasse no ar o aroma das violetas, não houvesse camelias na Havaneza, e eu queria que os senhores dissessem porque bullas chamam nomes a esta linda primavera.

O frio! Façam favor de não dizer barbaridades. Ensinaram-me na Escola Polytechnica, assim com ar de quem ensina grande coisa, que o frio é simplesmente uma palavra. Menos calor é que é. No inverno, em relação ao verão, ha realmente menos calor; mas o phenomeno não é absolutamente nada caracteristico, porque tambem no verão ha menos calor, em relação ao inferno.

E' para mim ponto de fé que o movimento astronomico anda alterado, o que de modo algum deve estranhar se desde que está de cima o ministerio progressis-

ta. Lembro-me perfeitamente das chuvadas de que fui victima em plena villegiatura, e, comparando o plumbeo ceu d'então com este azul d'agora, intensamente iluminado pelo astro-rei, dão-me desejos de suppor que



MONSENHOR PINTO DE CAMPOS

o centro do nosso systema planetario, mercê de uma desconhecida força universal, tenha sido deslocado abruptamente, isto é, de uma maneira bruta, para o foco opposto da ellipse descripta pela terra na sua translação.



Astro-rei, perdão. Eu devêra talvez dizer, mais em harmonia com o espirito do seculo, astro-presidente da republica. E tel-o-hia feito, se me animasse a convicção profunda de que o sol não tenha um genro. Ignorando, porém, estas particularidades da parentella de Jupiter, não me abalanço a erguel-o, por minha conta, a uma dignidade em que o poderoso deus ficaria tratando, de manu a manu, com o sr. Sadi-Carnot.

Sadi Carnot, que hoje preside aos destinos da França, tem no seu passado uma nodoa inperdoavel: Refiro-me ao consentimento que deu para o enlace matrimonial de sua filha com não sei que qualidade de homem. Porque esse homem, á face da Egreja e da Opinião, não é mais que um genro; a verdade é esta.

N'esse particular fez o sr. Sadi-Carnot uma grandissima tolice. Grévy foi de caixão á cova. Pois o seu crime não foi maior, se esquecermos pequeninas coisas, taes como o concerto de uma seringa de seu uso, feito por conta do ministerio das Bellas-Artes.

Ao novo presidente vale-lhe a circumstancia de ser honesto, o que lhe grangeou a sympathia da maior parte dos francezes, deixando apenas em descontentamento um resto. N'este resto julgo incluída a redacção do *Gaulois*, que sustenta, com certa graça e larga desfaçatez, não ser digno de presidir á Republica um simples homem honrado. Esta opinião foi transplantada das galés. O *Gaulois* não disse positivamente qual era o grande maroto cuja candidatura recommendava.

Em todo o caso, Sadi Carnot é actualmente senhor no magestoso palacio do Elyseo.

Na rua des Bassins, n.º 25, ha, em compensação, um terceiro andar desoccupado.

Tudo isto a proposito do inverno em que, já disse, me custaria a acreditar, se, com os phenomenos celestes, não concorressem acontecimentos, bem mais do que a intemperie, característicos d'esta parte do anno. E não me referi ainda aos dramas novos, ás *reprises*, aos successos, aos desastres, a romances, e a poemas.

A leitora conhece certamente a collecção de contos de Luiz Trigueiros—*Sob Magnolias*. Não lhe recomendo a aquisição do livro, que já fez, se tem bom gosto, nem lhe aconselho especialmente a leitura de uma ou d'outra pagina, pela simples razão de que, menos feliz do que a leitora, ainda me não foi dado lê-lo.

Venho apenas, aproveitando o melhor possivel estes instantes de conversação, para mim muito agradável, apresentar-lhe o auctor, um moço de cujo talento ha bellas revelações em varios jornaes onde collaborou, e que não careceria, portanto, de apresentação, se a leitora commettesse a imprudencia de ler papeis.

Luiz Trigueiros é um rapaz delicadissimo, cujo espirito *vicelencia* apreciará, uma figura *mignonne*, que uma ou outra vez deve ter encontrado na Avenida, sempre correcto perante o bello sexo, a quem não faz, comtudo, senão a côrte que a gentileza exige... Esta observação não é inutil, porque Luiz Trigueiros é um noivo em primeira mão. Na sua estreia litteraria refulge ainda a mais risonha lua de mel.

E, visto que entramos no capitulo das apresentações quero ainda que conheça um outro moço, cujas primicias viram ha pouco a luz. Este é poeta; muita cautella com elle... E' bom tê-lo em reserva, porque, na sua qualidade de inspirado, namora que tem demonio.

José Newton traz na bagagem um pequenino e elegantissimo livro de versos, impresso á antiga, com a competente capa de pergaminho, o qual só se não confunde com os alfarrabios do seculo dezoito, que o editor se propoz emitir, pela circumstancia de não trazer nas primeiras paginas uma informação do seguinte theor:

«Vi por mandado do Conselho geral do Santo officio este livro, cujo titulo he *Versos—Estreia*, composto por

José Newton; nem tem cousa alguma contra nossa Santa Fé, ou bôos costumes, he obra de engenho e me parece, mais digna de se imprimir. Lisboa, etc. Fr. Manuel da Visitação, Lente de Prima.»

E mais adiante, após diversos vistos, a concessão seguinte:

«Que se possa imprimir este livro, vistas as licenças de Ordinario, e S. Officio, e nam correrá sem tornar a esta meza para se taxar».

José Newton não está taxado. De resto, a leitura dos seus correctissimos e elegantes versos convence nos profundamente de que não foram escriptos logo depois dos turcos terem tomado Constantinopla.

O auctor não é positivamente um realista, como não é tambem um trovador romantico. E' um poeta. Cultiva com felicidade os diferentes generos, e, se alguma escola prefere, é a do amor. E faz muitissimo bem. Nem d'outro modo a leitora lhe compraria o livro.

Na poesia *Manhã de Maio*, terceiro canto, diz o auctor:

Retine perto a loja de um ferreiro:  
E, ao pipilar palreiro  
Das aves dos beiraes,  
Arremangadas, frescas, joviaes,  
Os pregões misturando,  
Algumas ovarinas  
Acotovellam grupos d'operarios  
Que passam, cavaqueando,  
Para o rude labor das officinas.

Aqui, parece um pratico. Na pagina, porem, *Ao leito d'ella*, diz:

O' leito d'innocencia! O! berço! O' ninho!  
Quando te vejo acaso, em desalinho,  
Morno ainda da noite e virginal,  
Na dece meia-luz da alcova casta,  
Não sei que febre a minha mente arrasta,  
Em vãos d'agua, ás regiões do Ideal.

Já não é bem um pratico, o delicado empositor d'esta magnifica estancia. Entretanto, minhas senhoras, nunca fiando... Tanto mais que o poeta deve têr no seu passado alguma cousa negra, a calcular por este bello soneto que, terminando, [l]he vou syndicar do livro:

#### Desengano

Como em pleno deserto surge um horto,  
Como fulge o pharol á nau perdida,  
Assim tu me sorris, bemdito porto,  
No procelloso mar da minha vida.

Tarde, porém: onde haverá conforto  
Que me reanime a fé n'alma dorida?  
Se á sede o viandante é quasi morto,  
A que vem agua, luz, amor, guarida?

Tudo regeito até—maior desgraça!  
Quero sorver a amargurosa taça  
Até ao fim, custe-me a vida embora

E tu, se em teu olhar o amor rebrilha,  
Foge de mim, que sou a noite, aurora,  
Ou então chora, como eu choro, filha!

E' possivel que o meu palavreado, pelo assumpto, não esteja perfeitamente em harmonia com a data que o presente numero da Illustração ostenta, do outro lado.

Pois não fui eu que me antecipei aos acontecimentos; foi o jornal que se atrasou, por disturbios da machina. E ter-me-hia sido extremamente difficultoso occupar-me ainda dos festejos da Restauração, cujo anniversario passou sem grande coisa.



## UMA VERGONHA SOCIAL

Dizia ha tempo um jornal, que em Vienna, na formosa e aristocratica Vienna, do bello Danubio azul, se tinha apurado oficialmente haverem morrido de fome mais de 3:000 creanças.

Mais de tres mil creanças!

Meditemos este numero e analysemos.

Parece incrível isto, não é verdade? parece incrível e fabuloso n'um paiz opulento, mas foi um jornal serio que o disse, e ao que parece é um inquerito que o prova.

De fórma que, Bom Deus, precisamente á hora em que os deslumbramentos da civilização e as scintillações do progresso offuscam e embriagam o mundo moderno, hora em que, por todos os modos, se tenta tornar a natureza amoravel e ridente para todos, domando, combatendo por mil formas a sua cega e ingenua rudeza, morrem de fome, quer dizer, de frio, de inanição e de miseria mais de trinta centos de pobres creanças indemnes, cujo crime unico foi o haverem nascido!

E' desolador e selvagem mas parece tristemente verdadeiro!

Em pleno seculo XIX, quando os luminosos versículos da immortal Biblia do Amor começam a ser soletrados, ao que se diz, por um maior numero de boccas, isto não deveria, não poderia succeder; mas, como vêem, succede, por vergonha nossa — e do seculo!

Confrange-se o coração e annuvia-se o espirito, pensando nas tristissimas e descoroçadoras verdades que essa noticia occulta, mas não ha remedio, boas almas que me lêdes, senão desvendal-as, ao menos para escarmento e para lição de todos!

Pois então ha n'um paiz uma entidade que se chama Governo, ha uma outra que se chama Municipio, e uma outra que se chama Igreja, e nenhuma d'ellas sabe que, n'um ponto da rede formada pelas suas innumeradas tramas, alguns pequeninos seres que tinham á vida o sacratissimo e inalienavel direito que a todos é dado, expiram á mingua de alimento e de soccorros?

Pois todos pagam a uma legião de empregados que devem fiscalisar e dirigir o funcionamento d'essa complicada machina que se chama um estado, e esses individuos deixam que a machina ou não funcione, ou esmague brutalmente, cegamente na sua engrenagem tyrannica, a existencia de milhares de entes que deveriam encontrar n'ella a satisfação de todas as suas justas exigencias?

Ah! mas isto é um crime, uma atrocidade sem nome! mas este facto envergonha a consciencia de todos os homens, e põe uma larga mancha inapagavel na figura immaculada e radiante da caridade e da justiça! mas este barbaro e deshumano attentado viola todas as leis do pudor moral, todas as generosas aspirações da intelligencia, todas as castas e purissimas crenças no altruismo e na bondade da nossa especie.

Reparem bem que es'as tres mil innocentes victimas do nosso egoismo, da nossa incuria, do nosso desapego de todas as grandes e salvadoras idéas, não morreram em resultado de um desastre, de uma epidemia, de uma causa qualquer inevitavel e fatal; morreram de fome, estranguladas pelas crispações medonhas d'essa monstruosidade sem nome!

E andaes vós, sonhadores, publicistas humanitarios, a prégar a doutrina consoladora da sympathia e da união, a procurar fazer florir em todas as almas o amor, em todos os corações a paz, em todos os espiritos a tolerancia! E consumis os melhores dos vossos dias, a força dos vossos cerebros, o sangue das vossas veias, para servirdes o Bem, e empregaes sciencia, dedicação, trabalho para tornar o mundo mais bello, e a humanidade mais justa, para espalhar na terra as abençoadas sementes da abnegação, da solidariedade e da concordia, quando a final o homem parece ainda o velho animal selvagem, saído das asperezas brutaes da natureza inhospita, e olhando ameaçador ou desconfiado para tudo e para todos — para o seu proprio similhante emfim! *Homo hominis lupus!*

Abrem já ahí os labios n'um riso motejador e ironico, a esta tirada sentimental, de uma rhetorica sabida e vulgar, e dirão, quem sabe, que estou inventando ou, o que é peor, que estou calumniando; mas reparem que não faço senão reproduzir, mais desenvolvida, a noticia do jornal.

Olhem que tiro apenas as conclusões — e mais não vã o todas aqui.

Eu podia, por exemplo, notar que um regimen em que são victimadas pela miseria, só n'um paiz, tres mil vidas que significavam e constituíam milhões de esperanças, não é evidentemente nem o regimen mais justo nem o regimen mais sabio!

Ser-me-hia igualmente permittido lembrar que um Municipio, um Governo e uma Igreja que presenciam impassiveis ou ignorantes tal facto, denunciam ter já em si o virus morbifico da perdição e do mal que ha de fatalmente abatel-os; mas o meu intuito não é, não quer ser politico, e nem cura agora de saber as idéas que cada uma d'essas entidades representa, senão para o caso especial do cumprimento do seu dever, que todas esqueçam ou não conhecem!

Infelizmente vamo-nos convencendo-todos de que a questão é de homens e não só de principios, e que embora estes sejam muito, aquelles, que têm de exemplificar estes, — é que são tudol

Este facto vem provar isto a uma luz desconsoladoramente realista em extremo.

Pois se os diversos agentes que entram no machinismo social e politico, de uma nação, de uma provincia, de um concelho, e nas suas variadissimas componentes, a associação, o municipio, a igreja, tivessem todos ou na sua maioria a noção exacta da missão que lhe caberia desempenhar, e das responsabilidades que sobre elles impendem, poderiam nunca produzir-se perturbações d'esta ordem, paralyndo a vida em tão grande porção de organismos?

Desenganemo-nos, somos egoistas ou desmazelados, e ha-os que são as duas cousas ao mesmo tempo!

Desinteressamo-nos dos laços communs que deveriam ligar-nos todos, e tratamos apenas, na estreiteza fria das nossas convencencias e das nossas ambições, de procurar o nosso logar ao sol, sem tratarmos de saber do resto.

Pelo menos parece ser esta uma das phases da civilização contemporanea, tão grandiosa, mas tão contradictoria, tão arrojada, mas tão enigmatica!

Eu não perdi a fé, meus amigos; creio mesmo que as fortificantes e redemptoras doutrinas da democracia hão de lentamente ir inquinando as almas, fazendo-os todas compadecidas, dedicadas e sensiveis a qualquer soffrimento; mas até lá que contrasensos, que decepções e que anomalias!

Não fallarei nos crimes, para não desanimar nem entristecer, mas também hão de dar-se, e tremendos e vergonhosos, como este de que lhes venho fallando, e muitos outros que todos conhecemos.

Reatemos, porém, e sobretudo fallemos de Portugal.

De Portugal? dir-me-hão? Sim, meus queridos leitores, d'este formoso paiz, de céu crystallino e doce, onde convem averiguar também se não se darão, embora em escala mais pequena, casos como o de Vienna.

Não quero eu affirmar que se dêem, e de mais conheço o animo valedor e bom, a generosidade inexgotavel e carinhosa com que entre nós são mitigados todos os infortunios; mas, com a nossa maneira um pouco desordenada e anarchica de praticar o proprio bem, deixamos que nas malhas da rede de boas obras, que diariamente aqui se praticam, não entrem muitos desvalidos, ao passo que são n'ella acolhidos alguns, que não precisariam tanto.

Quanto ás creanças, por exemplo, o que não haveria ainda a fazer por todo esse paiz fora!

Uma lembrança, portanto. Ha em Lisboa uma associação insinuante e sympathica, benemerita pelos intuitos e benemerita pelas acções: — é a associação protectora das creanças.

Pois bem; o que eu vou pedir a essa associação é o que essa outra grande associação que se chama o paiz, representado nas suas diversas instituições, nem sempre pôde ou sabe fazer.

Trata-se em primeiro logar de, por uma propaganda tenaz e constante, fundar em todas as provincias, em todas as aldeias, em todos os logares, delegações d'ella, que protejam, alimentem, instruem e redimam todos esses debeis e indefesos seres, que a maldade, a ignorancia, a pobreza e a insensibilidade de muitos deixam estiolar-se desprotegidos e abandonados; tratar-se-ha depois, de averiguar o numero de victimas, creanças especialmente, que a miseria ceifa por cá.

Todos nós temos tido conhecimento da exploração torpe e mercenaria que, com muitas d'ellas, se faz aqui mesmo em Lisboa; centos d'ellas vêm também das provincias para as capitaes soffrer as torturas de uma sociedade muitas vezes descaravel e ingrata; e quantos martyrios, quantas lagrimas, quantos crimes não andarão occultos, sem que nós possamos enxugar e consolar uns, castigando os outros!

Isolados, nada ou pouco poderemos fazer; unidos na associação, sommando e disciplinando assim as nossas energias, alguma cousa conseguiríamos.

E quando a provincia ou as capitaes se engalanassem de primores para solemnizar a visita de algum principe ou de algum homem illustre, quando emfim quizessem commemorar qualquer data gloriosa e célebre, nenhum espectáculo equalaria o que nos pudesse apresentar a associação por meio das suas delegações, mostrando-nos os rostos alegres de alguns centos de creanças que ella lograsse roubar á miseria e á morte.

Antes as festas se resumissem até n'esse espectáculo civilizador e bello, do que se desatassem em luminarias e foguetes, que não conseguem apagar os gemidos dos paes e das mães dos infelizes corpinhos duramente sacrificados no banquete da existencia pela inercia de tantos, pela maldade de alguns...

Reflectam no assumpto, senhores, e que as miserias alheias, desvendando-nos uma das faces sombrias da civilização contemporanea, nos ensinem ao menos a evitar em Portugal as desconsoladoras e pungentissimas verdades que a cada momento estão denunciando um profundo disequilibrio organico e um triste estado pathologico social.



# A EXPEDIÇÃO FRANCEZA DO TEJO

## II

Não suppunham nem por sombras os ministros e os generaes de D. Miguel as preocupações sombrias que saltejavam o espirito do almirante Roussin e do ministro da marinha francez, quando preparavam essa expedição que tão facil tinha de lhes sahir para eterna vergonha d'aquelles a quem estava confiada n'esse momento a honra militar da bandeira portugueza. Roussin nunca viera a Lisboa, não conhecia a entrada do Tejo, não tinha informações sufficientemente seguras ácerca dos meios de defeza de que em Lisboa se dispunha, e sentia-se horriavelmente preocupado. O ministro francez sabia que o gabinete inglez não interviria energicamente a favor de D. Miguel, mas os acontecimentos politicos podiam variar de um momento para o outro; podia voltar ao poder o duque de Wellington, manifestamente favoravel ao principe que reinava de facto em Lisboa; a opinião publica ingleza, apesar de ser hostile ao regimen despotico em Portugal, podia considerar como uma affronta para a sua bandeira ir uma esquadra franceza a Lisboa dictar a D. Miguel as vontades de Luiz Philippe; portanto, o que o governo francez sobretudo queria, era que as coisas caminhassem depressa. Mas ao mesmo tempo, como receava um desastre e sentia que esse desastre seria um *fiasco* medonho para a monarchia de julho, sobretudo quando a Restauração tivera os seus ultimos dias doirados pela gloria da conquista de Argel, reunia todos os elementos, envidava todos os esforços para que o almirante Roussin podesse legitimamente contar com a victoria. Diante de Lisboa cruzava já um dos melhores officiaes de marinha franceza, o capitão Rabaudy, um dos heroes da legendaria *Sémillante*, com a fragata *Melpomene*, acompanhado por algumas corvetas. Em Toulon o contra-almirante Hugon reunia uma esquadra composta de alguns dos melhores navios francezes, e não lhe era inferior a esquadra que se reunia em Brest debaixo das ordens immediatas de Roussin. E, tomadas estas precauções, feito este armamento formidavel, o ministro instava com Roussin para que partisse.

Roussin comprehendia a situação e comprehendia tambem a sua immensa responsabilidade. Que difficuldades encontraria no Tejo? Tinha a esse respeito as mais contradictorias informações. Diziam-lhe os officiaes francezes: Nos fortes da margem direita não devia haver menos de 300 bocas de fogo, e os da margem esquerda, onde ficava a Torre-Velha, não deviam estar menos bem guarnecidos. «O general Junot, continuavam elles, durante a occupação franceza, apressára-se a multiplicar, com o concurso dos seus officiaes de engenharia, de artilheria, e de marinha, os meios de defeza, já muito grandes, do Tejo. Fundeada diante de Lisboa, a esquadra seria dominada por todos os lados, e encontrar-se-hia em presença de um exercito de 12.000 homens pelo menos. Esse exercito não era para desdenhar; fôra organizado, exercitado por officiaes inglezes desde 1806; fizera com distincção todas as campanhas da Peninsula, debaixo das ordens do duque de Wellington.»

Por outro lado os emigrados constitucionaes portuguezes, consultados a esse respeito pelo governo francez, davam informações completamente diversas. O almirante Jurien de la Gravière cita o seguinte trecho de um relatorio escripto por um coronel portuguez, emigrado, cujo nome não declara: «Seria deslocado fallar de Cascaes, praça de guerra a 5 leguas de Lisboa, situada na encosta meridional da montanha da Roca, assim como dos pequenos fortes e dos reductos collocados ao longo da praia, desde o cabo do mesmo nome até S. Julião. Só em S. Julião é que principia a defeza de Lisboa. Se considerarmos o logar e a má disposição de todas as fortificações que defendem as duas margens do Tejo, a sua elevação acima do nivel do mar, os defeitos do seu traçado, a altura enorme dos perfis a grandeza extraordinaria das canhoneiras, a má construcção dos reparos, a vetustez dos canhões, quasi todos de ferro, e sobretudo a pouca dedicacão dos soldados de artilheria e de engenharia, privados dos seus melhores officiaes, estou tentado a acreditar que as unicas difficuldades reaes para forçar a entrada do Tejo hão de provir dos bancos de areia e dos rochedos que lhe embargam a abertura.»

A primeira impressão que sentimos, ao lermos esta informação de um official portuguez facilitando ao estrangeiro a entrada no Tejo, é desfavoravel. Bom será porém que nos lembremos de que em todos os tempos e sempre os partidos politicos expulsos pela violencia não hesitaram em recorrer ao estrangeiro para derrubar a usurpação. Não acompanhou a nobreza emigrada de França os Prussianos e os Austriacos quando estes invadiram o solo francez? Não imploravam os Stuarts o auxilio das esquadras francezas para expulsar do throno de Inglaterra a dynastia hanoveriana? Não se valeram os austriacos dos Russos para subjugar a Hungria? Não pediram os absolutistas hespanhoes o auxilio do exercito francez do duque de Angoulême para esmagar a revolução? Isto é fatal e repete-se sempre. Comtudo, devemos confessal-o, apesar de sabermos tudo o que acabamos de dizer, e de sa-

bermos tambem que a esquadra franceza vinha punir uma brutalidade inqualificavel do governo de D. Miguel, um crime de lesa-humanidade, sentimos um arripio quando lomos n'uma *Revista* franceza a transcripção do relatorio d'esse official portuguez que indicava ao estrangeiro o caminho por onde podia subjugar Lisboa.

Mas entre tão diversas informações, Roussin sentiu-se extremamente perturbado, e mais ficou ainda quando soube que estavam prestes a realizar-se grandes transformações em Portugal. Essas transformações seriam favoraveis ás reclamações francezas; mas o governo de Luiz Philippe é que não queria outra solução senão a que fosse arrancada a D. Miguel pelo prestigio da sua força. O que a monarchia de julho queria era mostrar á Europa que sabia empunhar energicamente a espada da França. Que Sauvinet e Bonhomme fossem soltos, indemnizados e até recompensados por um governo liberal que succedesse ao de D. Miguel, era coisa que o governo de Luiz Philippe não apreciava, ou antes que não queria de forma alguma. Por isso mais uma razão havia para se apressarem, e essa razão era a seguinte: Emquanto a esquadra de Roussin se preparava para sahir e não sahi pela razão que já vamos dizer, chegava a noticia de graves acontecimentos que podiam transformar completamente a situação de Portugal.

No dia 15 de junho de 1831 o ministro da marinha expediu de Paris ao almirante Roussin o seguinte despacho telegraphico, que só chegava a Brest ás quatro horas e quarenta e cinco minutos, porque o telegrapho de que se serviam então não era ainda o telegrapho electrico, era o velho telegrapho inventado por Claudio Chappe, que agitava no ar hieroglyphicamente os seus grandes braços: «Em seguida a uma revolução e em consequencia d'ella, o imperador e a imperatriz foram obrigados a deixar o Brazil. Acabam de chegar a Cherburgo a bordo de uma corveta ingleza. Póde isto produzir algumas mudanças em Lisboa, comtudo parta. Enviar-lhe-hei, se fôr necessario, instrucções supplementares pela *Guerreira*.»

O almirante Roussin ficou fulminado com este despacho. E se em Lisboa rebentasse uma revolução a favor de D. Pedro, se D. Miguel era derrubado do poder, e se o novo governo se apressava a dar todas as explicações, e todas as satisfações aos Francezes? Não perdia elle uma occasião de se distinguir? Não perdia a monarchia de julho o ensejo de affirmar a sua força? Não ficavam os Inglezes com direito de se sorrir das vãs ameaças do governo francez, e de dizer que viera a proposito a revolução portugueza para livrar a França de um *fiasco* monumental?

E sabem porque é que o almirante Roussin se desesperava com tudo isto? E' porque estava mettido a bordo da *Suffren*, arrendo em desejos de sahir para Lisboa, e não podendo fazel-o por causa de um vento contrario que não cessava e que o impedia de levantar ferro.

E' curioso ler o desabafo que elle tinha com o seu amigo intimo, o barão Tupimer, n'uma carta que lhe escrevia de Brest: «Meu caro amigo, não tem por lá alguns sentimentos de piedade a que não saiba o que ha de fazer? Conceda-os a um desgraçado, que, ainda que houvesse morto pae e mãe, não mereceria as tribulações que eu soffro ha sete dias. Represente bem na sua imaginação este desgraçado mettido entre quatro taboas, desde o dia 9 d este mez, com os olhos e com a alma cravados no catavento maldito, que vem sem fim e sem cessar de sudoeste! Nunca me succedeu semelhante ccisa. Por isso estou verdadeiramente tortornado e doente. Depois de uma serie de doze dias de vento de nordéste, é naturalissimo ter series contrarias; mas para a gente se resignar o que era necessario era que se tratasse apenas de uma viagem a Constantinopla. Quinze dias mais cedo ou mais tarde pouco i'portavam. Mas aqui! Sei que a esquadra de Toulon partiu no dia 9; que os Portuguezes perdem os seus navios de commercio; que sou a hora final de D. Miguel; que D. Pedro chegou a França. Mil acontecimentos podem d'ahi provir. Desde o dia 8, vento de oeste teimoso e forçado; não ha probabilidades nenhuma de se poder mexer nem um só navio. Pois paciencia! paciencia até á morte! Quando ella vier, ha-de-me encontrar bem magro, porque estou litteralmente damnado. Estamos á espreita de noite e dia. Em apparecendo uma aberta, logo me atiro para reparar o tempo perdido. Faça votos por mim, meu caro amigo. Nunca precisei tanto d'elles. Abraço-o muito affectuosamente.»

Sente-se que Roussin está n'um estado de verdadeira excitação nervosa, e as duvidas que o assaltam com relação ao exito da empreza ainda mais o excitam e o incommodam. Se os Portuguezes tiverem um pouco de bom senso, defendem energicamente o rio, e a esquadra franceza não póde contar com pilotos, ou se arranjar alguns nos barcos de pescadores, que aprezar, serão pilotos em que não possa confiar.

Tudo isto o preocupava atrozmente nas ongas horas que passava no seu camarote da *Suffren* a consultar o barometro, ou passeiando na tolda d'essa magnifica nau de linha a olhar para as nuvens que o vento do mar impellia sempre na direcção de Paris.

Emfim, no dia 16 de junho, ás 7 horas da manhã, Roussin, vendo que o vento de oeste amainára um pouco, e que o barometro parára na sua descida, mandou levantar ferro ás sete horas da manhã. Era um acto de audacia porque precisava, com as suas enormes naus, de virar de bordo a cada instante manobra perigo-





PASTOR

AS MEDALHAS DA «BENEFICENCIA BRAZILEIRA»



sisssima n'esse tempo, no meio de uma immensidades de recifes e de escolhos, apenas illuminados por um pharol. Diz o almirante Jurien de la Gravière que essa façanha só foi renovada depois pelo commandante da *Resoluta*.

Mas enfim estava o almirante Roussin fóra de Brest, na altura da ilha d'Ouessant, e caminhava a plenas velas para a costa de Portugal.

PINHEIRO CHAGAS.

## O PREGO

(CAUSA CÉLEBRE)

CONTO — POR D. PEDRO D'ALARCON, TRAD. DE ALFREDO GALLIS

### PROLOGO

Filippe accendeu um cigarro e fallou da seguinte forma:

#### Fim do prologo

I

#### O NUMERO I

O que mais ardentemente deseja todo o que põe pé no estribo de uma diligencia para emprender viagem, é que os companheiros de jornada sejam de amena conversação, e tenham os seus mesmos gostos e vicios, poucas impertinencias, boa educação, e uma franqueza que não chegue porém á familiariedade.

Porque, como já disseram Larra, Kock, Soulié, e outros escriptores de costumes, é cousa muito séria essa improvisada e intima reunião de duas ou mais pessoas que nunca se tenham visto nem talvez se tornem a ver sobre a terra, e serem destinadas apesar d'isso, por um capricho do acaso, a acotovellarem-se, a comer juntas, a dormir no mesmo quarto, a manifestarem-se enfim, reciprocamente com essa liberdade de acções e habitos que muitas vezes não concederíamos ao nosso melhor amigo.

Ao abrir a portinhola da diligencia, somos pois assaltados por tumultuosos temores que nos acodem á imaginação.

Uma velha com asthma, um fumador de mau tabaco, uma feia que não tolere o fumo d'um bom charuto, uma ama que enjoa e entonetece com os solavancos do vehiculo, creanças que choram, e ás vezes, um homem grave que ronca, uma veneravel matrona que occupa assento e meio, um inglez que não falle o hespanhol, taes são entre outros, os typos que tememos encontrar.

Algumas vezes acariciaes decerto a doce esperanza de encontrar uma formosa companheira de viagem; por exemplo: uma viuva de vinte a trinta annos com quem podeis compartir os incommodos do caminho. Cheio d'estes receios, puz eu o pé no estribo da diligencia de Granada a Malaga ás onze menos cinco minutos de uma noite de outono do anno de 1844, noite escura e tempestuosa por signal.

Ao penetrar no carro com o bilhete n.º 2 na algibeira, o meu primeiro pensamento foi saudar aquelle desconhecido n.º 1, que me inquietava mesmo antes de o ter visto.

Devo advertir que o terceiro logar não estava tomado, segundo me declarou o conductor.

—Boas noites—exclamei apenas me sentei, dirigindo a voz para o sitio em que devia estar o meu companheiro.

Um silencio, tão profundo como a escuridão que reinava dentro da diligencia, foi a unica resposta que acolheu as minhas boas noites.

Adiantel (pensei) talvez seja surdo... ou surda, o meu companheiro.

E erguendo mais a voz, repeti:

—Boas noites!

Egual silencio succedeu á minha segunda saudação.

Será mudo? pensei então.

A este tempo, a diligencia tinha principiado a andar, digo, a correr, tirada por dez fogosos cavallos.

A minha perplexidade subia de ponto.

Com quem ia? Com um homem? Com uma mulher! Com uma velha? Com uma joven?

Quem, quem era aquelle silencioso n.º 1?

E fossem quem fosse, porque se conservava calado? Porque não correspondia á minha saudação? Estaria ebrio? Adormeceria? Teria morrido? Seria um ladrão?

Era questão para accender luz. Porém eu não fumava, e não trazia phosphoros.

Que fazer?

Por aqui seguia as minhas reflexões, quando me occorreu apellar para o sentido do tacto, já que inefficazes eram os da vista e do ouvid.

Com mais subtileza que empregá qualquer pobre diabo para nos roubar o lenço na Porta do Sol, estendi a mão direita até ao angulo do trem.

O meu desejo era encontrar uma saia de seda, de lã, ainda mesmo de chita.

Avancei pois.

Nadal

Avancei mais, estendi o braço todo...

Nadal!

Avancei de novo, apalpei com inteira resolução, n'um lado, n'outro, nos quatro cantos, debaixo dos assentos, nas correias do tejadilho...

Nadal... nadal!!!

N'este momento brilhou um relampago, e á sua luz azulada vi... que ia completamente só. Soltei uma gargalhada rindo-me de mim mesmo, e precisamente n'aquelle instante a diligencia parou.

Estavamos na primeira muda.

Já me dispunha a perguntar ao conductor pelo viajante que faltava, quando se abriu a portinhola, e á luz de uma lanterna vi... pareceu-me um sonho o que vi, vi pôr o pé no estribo do meu compartimento uma formosissima mulher, joven, elegante, pallida, só, vestida de luto.

Era o numero 1, era a mira das minhas esperanças, era a realisação do sonho que apenas tinha ousado conceber, era o *non plus ultra* das minhas illusões de viajante... Era *ella*!

Quero dizer: havia de ser *ella* com o tempo.

II

#### ESCARAMUÇAS

Logo que dei a mão á desconhecida para ajudal-a a subir e que ella tomou assento a meu lado murmurando um *«obrigado, boas noites»* que me chegou ao coração, occorreu-me uma idéa triste e desconsoladora.

D'aqui a Malaga só vão 18 leguas. Que pena não irmos a caminho do Japão!

No entanto, fechou-se a portinhola e ficámos ás escuras.

Isto significava—não vel-a.

Eu pedia relampagos ao ceu, como o Affonso Munio da se-nhora Arellaneda quando diz:

*Horri vel tempestade manda-me um raio*

Porém, oh! fatalidade, a tormenta ia serenando pouco a pouco.

E o peor não era não vel-a, mas sim que o seu ar sereno e triste se me havia imposto de tal modo, que não me atrevia a coisa nenhuma...

No entanto, passados alguns minutos fiz-lhe aquellas primeiras perguntas e observações do estylo que estabelecem pouco a pouco certa intimidade entre os viajantes.

—V. Ex.ª vae bem?

—Dirige-se a Malaga?

—Gostou da Alhambra?

—Vem de Granada?

—Está a noite humida!

Ao que ella respondeu:

—Agradecida.

—Sim.

—Não senhor.

—Oh!

—Pschis.

Era seguro que a minha companheira não tinha desejo de conversar.

Dediquei-me pois a coordenar melhores perguntas, e vendo que me não occorriam puz-me a reflexionar.

Porque tinha subido aquella mulher na primeira muda e não em Granada?

Porque ia só?

Era casada?

Era viuva?

E a sua tristeza? *Quare causa?*

Sem ser indiscreto não poderia achar a solução d'estas perguntas, e sympathisava demasiadamente com a bella companheira para me arriscar a correr o ridiculo de parecer um homem vulgar.

Como desejara que rompesse o dia!

De dia falla-se com mais liberdade.

A conversação ás escuras tem alguma coisa de triste, e vae direita ao fim, como um abuso de confiança.

A desconhecida não dormio em toda a noite, segundo deduzi da sua respiração e dos suspiros que soltava de vez em quando.

Creio inutil dizer que eu tambem não pude conciliar o somno.

—Está incommodada? perguntei-lhe eu uma das vezes que respirou mais afflicta.

—Não senhor; obrigada. Rogo-lhe que durma descansado, respondeu-me ella com certa affabilidade.

—Dormir!—exclamei, e acrescentei logo:





DEPOIS DA CORRIDA-FESTA DE TOUREIROS



—Julguei que v. ex.<sup>a</sup> estava com alguma dôr.  
—Oh! não, não me doe nada, murmurou brandamente, porém com um tom em que julguei perceber certa amargura.  
No resto da noite não fallámos mais.  
Amanheceu emfim...  
Que formosa era!  
Porém, que selo de dôr sobre a sua fronte! Que lugubre escuridão nos seus bellos olhos! Que tragica expressão em todo o seu semblante!  
Alguna cousa de mais triste devia haver no fundo da sua alma.

E apesar d'estes traços, não era uma d'aquellas mulheres excepcionaes, extravagantes, que vivem fóra do mundo devorando algum pesar ou representando alguma tragedia.

Era uma mulher da moda, uma elegante, de porte distincto, cuja menor palavra deixava antever uma d'essas rainhas da conversação e do bom gosto, que teem por throno uma cadeira no seu gabinete, e um camarote na Opera, mas que se conservam silenciosas fóra do seu elemento, do seu mundo e do circulo das suas eguaes.

Com a chegada do dia alegrou-se um pouco a encantadora viajante, e já porque a minha circumspecção de toda a noite e a gravidade da minha physionomia lhe inspirassem boa idéa da minha pessoa, ou então por querer ser amavel com um homem a quem não tinha deixado dormir, o caso é que principiou por sua vez as perguntas do costume:

—Donde vem o sr.?

—Vae fazer um lindo dia.

—Que formosa paisagem!

Ao que eu respondi mais extensamente do que ella me tinha respondido a mim.

Almoçámos em Colmenar.

Os viajantes do interior e da rotunda eram pessoas pouco tratáveis.

A minha companheira ficou pois reduzida a fallar comigo.

De regresso á diligencia já nos tratavamos com alguma confiança.

A' mesa tinhamos fallado de Madrid, e fallar bem de Madrid a uma madrilenha que se encontra longe da côrte, é a melhor das recommendações.

Porque nada é tão seductor como Madrid perdido.

Agora ou nunca (pensei eu). Faltam oito legoas. Abordemos a questão amorosa.

(Continúa).

## PAE

Lembro-me ainda bem: era eu muito pequeno  
Quando se me apagou a luz do teu olhar:  
A minh'alma soltou o seu primeiro threno,  
E meus olhos então puzeram-se a chorar.

Ao pobre coração, o roedor veneno  
Da infinita dôr que teve o nosso lar,  
Veio arrancar p'ra sempre o seu pulsar sereno,  
E por ti, ó meu pae, tenho chorado um mar.

Mas eu chorando sinto um bom contentamento,  
Que vejo fazer bem á dôr do sentimento:  
E' que a imagem tua, imagem que eu adoro,

Vem reflectir-se bella e consoladoramente,  
Sorrindo-me bondosa e amavelmente,  
Nas gottás de crystal das lagrimas que choro.

SERGIO DE CASTRO.

## IN MEMORIAM

Tal é o singello titulo de um livro, sem nome de auctor, que este acaba de offerecer aos seus amigos como lembrança. E é isto o que quer dizer—IN MEMORIAM.

Divide-se o livro em tres partes: a primeira consta de sonetos, a segunda de poesias varias, e a ultima de fabulas.

E' variada, escolhida e algumas vezes caprichosa a metrificacão. Abrindo por uma *Conversação amigavel* em prosa e uma *Declaratoria* em verso, vem a terminar «com algumas notas para se lerem—diz o auctor—pois até certo ponto são o *cavaco* que eu desejaria ter com os amigos a quem o dedico.»

Abrindo ao acaso este formoso livro, quando o recebi, logo acertei de dar com estes versos *Ao Bussaco*, que me fizeram grande impressão:

Eu conheci-te, Bussaco,  
Com o teu arvoredado opaco,  
Todo mysterio e saudade.  
Desde então tens na verdade  
Ganho muito em louçania,  
Já não és matta selvagem;  
Agora, quem tal diria!  
Já pode uma carroagem  
De laçao agaladoo  
Percorrer-te até ao fim;  
Agora estás um jardim,  
Agora... estás *asseado!*

Ai de ti, pobre Bussaco!

Ha muito que se sabia:

—O progresso e a poesia

Não cabem n'um mesmo sacco.

Diz respeito a esses versos a nota seguinte:—«Ai Bussaco de minha alma, quem te viu e quem te vê! Invadiram-te as madamas, os engenheiros... e derrotaram-te, conspurcaram-te! Até se falla (se não está já feito) de estabelecer um hotel (carregue no ó, que assim fazem as ditas madamas e quejandos) no centro da matta. Sacrilegio! Não direi mais, porque sinto o coração verter-me sangue e fel.» E nada mais é preciso para se ficar logo sciente do sentimento poetico do auctor, e de como elle o sabe exprimir bem, tanto em verso como em prosa.

Ha bons trinta annos, quando alguns estudantes de Coimbra desejavam ver o Bussaco, iam á cidade baixa alugar cavalgadas para a jornada, mandavam fazer o farnel, que levavam consigo nos alforges, e ao raiar da manhã partiam, alegres como a alvorada e descuidosos como a mocidade, pela estrada nova do Porto. Não se fallava então no Luso, com quanto, áquem da cerca se vissem algumas casas dispersas no sitio que tem aquelle nome. Batia-se ao portão da matta, um veterano abria, e, obtida previa licença, entrava-se absorto... Aquella solidão tremenda, o silencio profundo, apenas quebrado a espaços pelo extranho cantar dos cucos, as ruas com seus toldos de verdura e seus tapetes de rasteiras hervas, annosos robles cobertos de hera, e por toda a parte a vegetação exuberante, mas inculta, produziam em todos indizível assombro. Era assim o antigo deserto do Bussaco.

Agora, porém, está *asseado!*—diz o illustre poeta. Como, não o sei eu, que não quiz lá voltar. Mas, é certo que o *alindaram*, pois, como estava... não parecia bem. E por isso já tem hospedaria e já se anda de carroagem lá por dentro. Mas, ainda assim, não satisfaz completamente as exigencias da hodierna civilisação, e até consta que se vae *alargar*. Luminosa idéal... Não tem duvida: o Bussaco (e tudo o mais) vai em progresso!

Outra poesia notavel...

Mas, procedamos com methodo; que a circumstancia de não se encontrar á venda este livro impõe-nos para com os leitores o rigoroso dever de sermos muito mais exactos e minuciosos do que se tratassemos de qualquer obra que facilmente podessem obter, e lhes permittisse corrigir alguma falta ou omissão nossa.

São trinta e um os sonetos que constituem a primeira parte. Ahí, não raro, se deparam, realçando o pensamente, versos perfeitissimos, como estes da *Saudade*:

A rosa que orvalhada a fronte inclina,  
Os valles matizados de mil flores,  
Aves maviosas descantando amores,  
O murmurar da fonte chrySTALLINA,

Da noite escura o estrellado manto,  
O saudoso clarão da argentea lua,  
Da caridade o puro e meigo pranto;

Outros ha, no gosto de Nicolau Tolentino, como são os do idillio realista em quatro sonetos—*E' tudo assim!*  
Compõem esse idillio os amores de Maria e Manuel, saloios;

Elle bello e valente, ella formosa;  
Assim vestem aos freixos as videiras,  
Assim c'róa ao arbusto a linda rosa.

E' um primor o terceiro soneto, que contém as declarações da apaixonada Maria:

Quem te vence a cantar á desgarrada?  
Quem varre como tu toda uma feira?  
Oh! quem me dera já ver-me casada...

Pois, segundo me jura a benzedeira,  
Posso estar muito bem capacitada  
De que breve me passa esta baceira.

Queriam-se muito, e como era para o bom fim

Casaram. Manuel deu em pantana  
Com quanto tinha, e bebe sem medida;  
Maria a trabalhar se esfalfa e damna,



Apanhando no fim de tanta lida  
Uma sóva de pau cada semana...  
E' tudo assim. E' tudo assim na vida!

N'outros sonetos se manifesta o estylo zombeteiro e o espirito sarcástico, peculiares do auctor, como na primeira quadra do soneto—*A' minha perna*:

Perna minha gentil, nunca te viste  
Tanto tempo extendida em cama quente;  
Não te vás amuar eternamente,  
Nem fique eu n'um só pé, cegonha triste.

Porém, essas brilhantes qualidades melhor que tudo as exprime a satyra felicissima ao conselho de Estado:

### Innocencia

(DEPOIS DA PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS)

—«Papá, porque diziam ser de Estado  
Os cavallos que eu vi na procissão?  
Era por pertencerem á nação  
Que, por isso, lhes põe manto bordado?»

—«E' uso, filho, ser assim chamado  
Tudo o que serve só de fausto vão,  
Sem prestimo nenhum, pela razão  
De estar o povo a isso acostumado.

O povo é como tu, creança tonta;  
Olha mil cousas serias com desdem  
E muitas futeis respeitoso aponta.»

—«Mas então o conselho, que também  
Ouço chamar de Estado, tanto monta?»  
—«Mal sabes tu como acertaste bem!»

Encontram-se ainda nos sonetos alguns conceitos preciosos que não podem esquecer. Este, por exemplo:

Creança fica o homem 'te' morrer!  
Não será esta vida, por acaso,  
Infancia das que havemos de inda ter?

Outro:

Para a mulher só ha outra mulher,  
Como para um veneno outro veneno.

Outro e ultimo:

Ha bem poucos amigos dos taes certos  
Dando copia de si em caso urgente,  
Não nos flemos pois em toda a gente  
Risonha e de braços sempre abertos.

A segunda parte, denominada *Poesias varias*, consta de bastantes composições originaes, de algumas versões e imitações de Victor Hugo, Andersen, João Paulo Richter, Longfellow e Yriarte, e de uma excellente paraphrase do psalmo 137—*Super flumina Babylonis*; e termina pela traducção de uma poesia ingleza, o—*Grito de guerra dos O'Neills*.

Distingue-se entre as primeiras uma extensa poesia, cuja invenção ou originalidade não deixará de surprehender os mais difficeis leitores de poetas. «Foi-me esta poesia inspirada—diz o auctor na nota 34—pelo expectaculo de um pobre sendeiro, morto debaixo do peso do trabalho junto ao Arco de Santo André.» Intitula-se—*A vida—A um cavallo de carroça extendido morto na estrada*.—Composta em verso solto, cheio e sonoro, pertence esta poesia ao genero didactico, pela philosophia que de toda ella ressumbra. Alguns poucos versos darão aos leitores idéa cabal da perfeição d'esse notavel poemeto:

Eis-te prostrado! N'essas duras pedras  
Largaste emfim da triste vida a carga!  
Morreste, e o teu penar findou comtigo!

.....  
Foste bello, possante, audaz, brioso:  
Tudo o tempo levou nas leves azas.  
Envelheceste: uma apoz outra as prendas,  
A força, o garbo te fugiram todas,  
E mandaram-te emfim, pobre sendeiro,  
Ruina viva, acarretar ruinas,  
O torpe lodo, no qual cedo ou tarde  
Tudo se muda: as perfumadas rosas,  
O grosseiro burel, as nobres galas,  
A purpura dos reis. Tudo ao monturo  
Ha de um dia levar a vil carroça!...

Outra poesia, no mesmo genero, que é uma carta a um amigo, e tem por titulo—*Deixa correr!*—se lê e relê sempre com agrado. Ahi explende em primores de estylo terso a nossa harmo-

niosa lingua. Nota-se-lhe, principalmente, um quadro do tempo antigo, feito a traços largos, e a côres que não desmerecem.

Eil-o:

No tempo em que a nobreza  
Tinha as honras, também tinha o dinheiro,  
E o judeu lhe servia de banqueiro,  
Frades e nobres possuíam tudo,  
Escravo vegetava o povo rudo,  
Ou ás sopas de tantas fidalguias  
Ou recebendo o caldo ás portarias.  
A classe media apenas despertava,  
Seu brilhante futuro não sonhava.  
Realista por fé e por costume,  
Dos nobres nem sequer tinha ciume.  
A's mãos os desperdícios da nobreza  
Não lhe haviam passado inda a riqueza.  
Gemia o lavrador com as alcavalas,  
Tantas que fóra tedio enumeral-as,  
Para o rei, para os nobres, para o clero.  
A historia ani'stá; ella que o diga  
Se tudo é verdade ou se exaggero.  
Quem a final ganhou com a gran'fadiga  
Das conquistas das terras d'além-mar  
Onde o povo também foi batalhar?  
Vizoreis, donatários e senhores,  
Monopolistas e commendadores,  
Os pod'rosos emfim, a fidalguia  
Tudo abarcava, tudo lhe servia.  
Das forças, quer terrestres quer navaes,  
Os commandos, os postos principaes  
Para seus filhos só eram guardados,  
(E' justo confessar que alguns creados  
Talvez por bastardia seus parentes,  
Tambem logravam alcançar patentes  
Pequenas e, por não se perder vasa,  
Postos subiam a servir a casa)  
As mitras, os rendosos priorados  
Eram d'ella, dos seus apaniguados:  
Porém, com larga mão ao clero dava,  
O qual em troca as almas lhe salvava.  
Assim, quantas riquezas produziram  
As barbaras conquistas se sumiram,  
Tudo se esperdiçou e se comeu!  
E quando um homem grande emfim nasceu  
E quiz travar a roda da ruina,  
Eis tudo contra elle se amotina;  
Teve de combater clero e nobreza,  
Só por si encontrando a realza!  
Morto el-rei, cai o grande conselheiro;  
O que não teve avós não teve herdeiro.

Todo o reinado de D. José I está admiravelmente resumido n'esses ultimos sete versos, versos de ouro, como os demais, que dão a lembrar as epistolas de Garção. O derradeiro, sobretudo, a meu vêr, é o maior elogio que se tem feito ao grande marquez de Pombal:

O que não teve avós não teve herdeiro.

A terceira parte consta de *Fabulas*, e a severa moralidade que resulta de todas ellas é suavemente temperada com a facilidade da versificação e a graça do estylo, sempre desaffectedado, sempre natural. Tendo nós que fazer escolha de uma das mais breves (para não tomar aqui muito espaço) pareceu-nos que a do *Idolo e o idolatra* dará perfeita idéa da maneira do auctor n'este genero, que, sobre difficil, tem ainda que lutar hoje com os caprichos da moda, que o não favorece.

Em casa certo pagão  
De pau um idolo tinha;  
E, além de muita oração,  
Sua fazenda mesquinha  
Em sacrificios  
Gastava  
Para ver se lhe apanhava  
Mil pedidos beneficios;  
Mas nem um podia obter.  
Afinal, desesperado  
Por seus desvelos perder,  
Pega um dia n'um machado  
E faz o deus em cavacos.  
Estava cheio de saccos  
De boas moedas de ouro,  
Um thesouro!

Ha muito villão ruim  
Que só vai, tratado assim.

Mas, quem é o auctor d'este livro? O seu nome? Para que dizel-o, observa o prologo, se n'este paiz liliputiano tudo se sabe? E, se tudo se sabe, para que é mister repetil-o? Pois seja assim.

E' certo, porém, que elle proprio declara (nota 55) ter sido director da direcção geral dos negocios de justiça, e alli houve um, muito bem quisto das musas, sem ser o sr. Thomaz Ribeiro. Achava se então, como o Dante, a meio caminho da vida:

Nel mezzo del cammin di nostra vita





(1)

(2)

(3)

MODAS



Era alto e robusto. Em vez da cabeça achatada e do *magro perfil do arabe*, que um celebre historiador dos nossos dias attribue aos habitantes da península hispanica, tinha a cabeça redonda dos povos da raça anglo-saxonia. Era attrahente e agradável a sua physionomia. A bocca espirituosa contrahia-se-lhe por vezes n'um sorriso, em que brilhava uma ponta de ironia, como um raio de luz sobre o gelo. A luz era a do conhecimento dos homens, da experiencia da vida. O gelo era o dos desenganos que a mão do tempo vai todos os dias amontoando no coração do homem, muito antes que as primeiras neves da idade lhe ennobreçam a fronte. Tinha o olhar penetrante e firme. E no exercicio das suas funcções de director geral, mal ia aos eternos agentes do patronato, resultante de tropelias eleitoraes, ou de outra especie, que antes de entrarem a porta do seu gabinete concertavam o semblante e o gesto de modo que encobrissem o enviezado das intenções na compostura das maneiras. Em poucos minutos estavam a descoberto, e podiam sem difficuldade ler-lhe no rosto o celebre—*Je te connais, beau ma'quel*

Em conclusão: esta poetica obra IN MEMORIAM foi composta especialmente para ser offerecida aos amigos do auctor, e teve a tiragem de *quinhentos* exemplares. Este epigramma (se o fosse) teria de certo não menor valia que o livro todo; mas a proverbial delicadeza do esmerado poeta resalvou a falsa posição em que se veriam todos aquelles a quem o livro foi dado, declarando no prologo que quinhentos amigos é muita gente junta, mas que imitou os nossos avós, os quaes «quando iam comprar panno para o capote ou para o casaco, levavam sempre a mais um pedaço para substituir as mangas, quando o precisassem.»

ALBERTO TELLES.

## O VASO PARTIDO

(DE SULLY PRUD'HOMME)

Não fez um unico ruido  
O leque em vibração serena  
Tocando o vaso, hoje partido,  
Onde emmurchece esta verbena.

Ligeira, embora, lentamente  
A volta fez lhe essa pancada,  
—Marcha invisivel e latente—  
Mordendo a jarra, ora quebrada.

E do crystal a gotta a gotta  
A agua das flores, sem ruido,  
Ninguem o sabe! a agua se exgota...  
Ah! não lhe toquem, 'stá partido.

O coração fica magoado,  
A flôr do seu amor descora,  
Vezes tambem sendo tocado  
Da mão leviana que se adora.

Intacto sempre para o mundo  
Sente crescer, chorar sem ruido,  
O fino golpe tão profundo,  
Ah! não lhe toquem, 'stá partido.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

MONSENHOR PINTO DE CAMPOS

Acaba de finir-se, em Lisboa, Monsenhor Pinto de Campos, antigo deputado da nação brasileira e vulto notavel pelo seu vasto saber tão copiosamente espalhado em Portugal e no Brazil.

Monsenhor Pinto de Campos era conego honorario da imperial capella no Rio de Janeiro, cavalleiro da ordem de Malta, official da ordem da Conceição de Portugal, antigo professor de eloquencia no Gymnasio do Recife, antigo membro do Conselho Superior de Instrucção Publica, antigo bibliothecario da faculdade de direito de Pernambuco, Socio Correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brazil, da Academia dos Ardentes de Viterbo e d'outras associações scientificas da Europa. Nascera em Payhú (Pernambuco) aos 4 d'abril de 1819. Tomou parte muito activa nas cousas politicas da sua provincia, especialmente no difficil periodo de 1845 a 1848, em que prestou relevantes serviços à causa publica, o que lhe mereceu, além d'uma especial distincção do governo, o logar de deputado, que por muitos annos conservou pela reeleição.

O venerando sacerdote, ao regressar a Lisboa depois de uma demorada peregrinação pela Italia e França, mostrava os mais visiveis signaes de doença profunda. Conhecia o seu estado e com melancolica expressão contava a todos o quanto soffria, la-

mentando-se de não poder já entregar-se aos seus trabalhos litterarios.

O illustre finado contava em Portugal numerosos amigos e a todos dizia que era esta a sua segunda e querida patria.

Desde muitos annos que estabelecera em Lisboa a sua residencia, apenas interrompida pelas suas viagens.

O Brazil perdeu em Monsenhor Pinto de Campos uma das suas mais brilhantes glorias e Portugal um dos seus mais dedicados amigos.

### AS MEDALHAS DA SOCIEDADE DE BENEFICENCIA BRAZILEIRA

A benemerita «Sociedade de Beneficencia Brasileira em Portugal» entregou no dia 2 aos nossos monarchas as medalhas d'ouro que lhes foram votadas na ultima reforma dos estatutos d'aquella philanthropica associação, destinada a soccorrer os brasileiros que, porventura, se achem aqui, longe da patria, em circumstancias precarias.

E' longa já a lista dos soccorridos pela «Beneficencia Brasileira», avultadas as sommas por ella empregadas no conforto de muita desventura, no auxilio de muita desgraça, concorrendo para enxugar muitas lagrimas da viuvez e da orphandade, repatriando muitos infelizes que, sem ella, morreriam ao abandono longe da patria e dos seus.

As medalhas d'ouro, que foram tambem entregues a Suas Magestades os imperadores do Brazil e a Suas Altezas imperiaes os Condes d'Eu, augustos protectores da sociedade, são formosissimas. O collar é formado por uma serie de constellações de loureiro do Sul, que produz um magnifico effeito. A medalha tem, n'uma das faces, o busto de Sua Magestade imperial a duqueza de Bragança, a nobre e veneranda fundadora da sociedade, e na outra, n'uma corôa de louros, a data da fundação da sociedade, «2 de dezembro de 1868».

A idéa da criação d'esta medalha e de que ella fosse considerada insignia da sociedade, foi apresentada á assemb'ea geral da mesma sociedade, quando se tratou de reformar os estatutos, e approvada em maio de 1885. O sr. conde de Franco, sympathisando com a idéa, teve a bizzarria de mandar cunhar em Paris os exemplares em ouro, destinados ás familias reaes e imperiaes de Portugal e do Brazil. O trabalho honra as officinas francezas e o valor de todas as medalhas é superior a 3:600\$000 réis.

Provavelmente agora todos os socios da «Beneficencia Brasileira» farão cunhar, nas condições dos estatutos, as novas insignias. Nenhuma mais honrosa para os que a possam usar, porque dará testemunho de um nobre sentimento de solidariedade humana e d'um brilhante exemplo de confraternisação patriótica. A «Beneficencia Brasileira» tem hoje um avultado numero de socios e um capital valioso já, que lhe promete exercer largamente a sua missão. Que lhe não falte o auxilio das almas boas e generosas, que lhe renderão de certo as benções dos infelizes que ella ampara e soccorre!

### DEPOIS DA CORRIDA—FESTA DE TOUREIROS

Este formoso quadro é firmado pelo distincto pintor hespanhol, Villegas.

Depois da corrida, não ha nada mais natural que uma festa de toureiros, com o concurso obrigado do canto e baile originarios da Andaluzia, que tão numerosa clientella de *aficionados* conta entre as classes populares de Hespanha, e mesmo do nosso paiz.

### MODAS

Damos hoje ás nossas leitoras os figurinos de tres bonitas *toilettes*.

1.<sup>a</sup>—*Toilette de bébé*, em surah azul. Vestido blusa, com saia formada por um f. lho pregueado e um rufo, atravez do qual passa uma fita, que vae atar ao lado. Longo corpete blusa, franzido á roda do pescoço com uma fita que passa ao longo d'uma bainha; mangas largas, com canhões de velludo.

2.<sup>a</sup>—*Toilette de menina*, em lã cipzenta. Saia de riscas, guarnecida com tiras pretas salpicadas de pintas brancas, tecidas na fazenda. Uma comprida *draperie* alvadia cae sobre o lado esquerdo e vae formar puf atraz. Corpete liso, enfeitado com rebuços de velludo, aberto sobre uma camisinha igual á saia. Mangas lisas.

Faz-se este vestido com 7 metros de lã de riscas e 4 metros de lã lisa.

3.<sup>a</sup>—Vestido de lã de quadrados. Saia lisa, sobre a qual cae a segunda saia, muito apanhada na frente e guarnecida com uma quilha abotoada ao lado. Uma outra quilha, de velludo, une ao puf, de lã de xadrezes. Corpete de bicos abertos, guarnecido com peitilho de velludo, cruzando no alto em *ptastron*, com pequenos rebuços de lã. Mangas lisas, com canhões de velludo.

Esta *toilette* faz-se com 11 metros de lã de xadrez, muito larga, e 1<sup>m</sup>,50 de velludo.



## CHALET DAS ROSEIRAS

O Chalet das Roseiras, cuja gravura hoje damos, acha-se situado em Menton, pequena cidade franceza dos Alpes Maritimos. Esta luxuosa habitação pertenceu antigamente à casa de Saboya. Em 1820 passou a ser propriedade dos principes de Monaco; em 1843, em virtude de um plebiscito, foi novamente incorporada no Estado da Sardenha, e em 1861, foi adquirida pelo imperador, bem como a proxima villa de Rochebrune, pela quantia de réis 360:000,000.

O chalet é construido em fórma de amphitheatro, sobre a vertente meridional de uma extensa collina, muito pittoresca, coberta de larangeiras e limoeiros; acham-se na parte antiga os restos de um magnifico castello, que foi levantado em 1502 e de um palacio que pertenceu ao papa Honorio III. A sua igreja parochial de S. Miguel é um bello edificio de puro estylo ogival, que data do seculo XIV.

A povoação moderna, que se estende para este, pelo lado do mar, é formada por encantadoras villas entre olorosos pomares de limoeiros; o chalet das Roseiras está construido no declive oriental dos Alpes Maritimos, a cem pés de altura do nivel do mar, e a breve distancia da bahia d'Este.

O proprietario do chalet, que ha tempos deu hospedagem á rainha de Inglaterra e aos reis da Saxonia, é o sr. Charles Henfrey, muito conhecido nos circulos financeiros da Europa, como socio principal da casa bancaria Brassey, de Londres, e como empresario constructor dos caminhos de ferro do Norte de Italia.

O Chalet das Roseiras, assim chamado pelo grande numero e variedade d'estes arbustos, foi levantado, sem olhar a despezas, em 1879; a casa é bellissima; as salas e quartos acham-se mobilados com gosto e riqueza verdadeiramente reaes; os seus jardins, que se estendem até à bahia, são os mais esplendidos de Menton

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## CHARADAS

Novissimas

(Ao Club dos Punhaes de Prata)

Premio:—A filha do Cabinda, ao primeiro que me enviar as decifrações para a rua de Medeiros, n.º 14, Regua

Este animal e aquelle só casaram uma vez—2—2.  
No firmamento esta côr é animal—1—2.  
O adverbio está na cadeia por abandono—2—2.  
Na musica este animal corta—1—1.  
Na ave a ave é fructo—2—2.  
Esta côr é parente da espingarda—2—2.

## Electricas

(A Joaquim José Pereira Soares dos Santos, a quem offereço *As noites de insomnia*, por Camillo Castello Branco, se as decifrar no praso de oito dias)

A's direitas ave; ás avessas terra—2.  
A's direitas conjuga-se; ás avessas é doença—3.  
A's direitas na botânica; ás avessas no peixe—2.  
A's direitas instrumento; ás avessas de cobre—2.  
A's direitas adverbio; ás avessas na igreja—2.

## Telegraphicas

(Ao Rei Pequeno—Lamego)

A's direitas e ás avessas guarda—3.  
A's direitas e ás avessas medida—2.

Regua.

REI CHIQUITO.

## Em losango

Na primeira, uma vogal  
Talvez veja.  
Na segunda é natural  
Que ave esteja.

Depois, com facilidade  
Ha de ver,  
Na tercia certa cidade,  
Póde crer.

Barco em quarta o temporal  
Mui receia.  
Quinta, é cá de Portugal  
Uma aldeia.

Um fructo a sexta conserva  
Todo bello.  
E a sétima, até Minerva  
Póde sel-o.

A oitava é rei, por signal  
De Judá,  
E a nona, que é a final,  
Vogal dá.

MATHEUS JUNIOR.

## Decifrações

DAS CHARADAS:—Cotovia—Mucuco—Jacacal.  
DO ENIGMA:—Pamir.  
DO LOGOGRIPO:—Damasichthon.

## A RIR

N'uma estrada.

Dois sujeitos que passeiam, descobrem o cadaver d'um enforcado, baloiçando-se no mais alto ramo d'uma arvore colossal.  
—Desgraçado! exclama um d'elles! Ir enforcar-se lá tão em cima! Olha se o ramo se quebra!

Um medico célebre... pelo grande numero d'infelizes que enviava para o cemiterio, pediu a um amigo que lhe redigisse uma especie de divisa, destinada a ser inscripta, em grossos caracteres, sobre a porta do seu consultorio.

O amigo escreveu immediatamente:  
SALVE-SE QUEM PODER!

## UM CONSELHO POR SEMANA

PARA RESTITUIR O BRILHO AOS ESPELHOS

Dissolve-se gesso em agua com vinagre e humedece-se ligeiramente o vidro com esta massa. Enxuga-se em seguida com uma toalha fina.

## O NATAL DA PECCADORA

O Natal foi terrivelmente agreste aquelle anno. Em a noite da missa do gallo, a multidão deslisava sobre a lama das ruas, choccando-se, apressada, investindo para as portas dos templos, d'onde saia um bafo quente, de forno, que vinha espalhar-se no adro, lambendo as physionomias rissonhas das mulheres e animando as audacias masculinas dos devotos, no apertão do guarda-vento.

Municipaes herculeos, plantados como figuras ornamentaes, namoravam serenamente, sob pretexto de manter a ordem. Jovens caixeiros, amanuenses, estudantes e operarios, faziam, em voz alta, apreciações sobre o mundo feminino, lançando termos de calão, abafando risadas. Velhos de bocca aberta e oculos caídos no nariz, olhavam de travez, escandalizados, para aquelles *espíritos fortes*.

Os cafés e tabernas, regorgitavam. Por toda a parte havia



um ruído de povo que se diverte. Sómente na sua janella, isolada do mundo, com o coração despedaçado pela solidão, o corpo alquebrado pela doença, a Magdalena chorava.

Porque?

Anjo caído no lodaçal impudico, d'onde uma mulher jamais se ergue, a gentil peccadora, não pervertida ainda de todo, não tendo ainda procurado no alcoolismo a imbecilidade do esquecimento, lembrava-se da sua infancia e do lar paterno.

Ficava muito longe de Lisboa a sua terra querida, que ella via, atravez das suas lagrimas silenciosas, desenhar-se nitidamente diante de si, como n'um estereoscopia.

A'quella mesma hora, os paes e os irmãos, reunidos, cejavam faustosamente na vasta cosinha onde ardia um bom lume, onde o forno, ainda quente, teria dentro as ultimas travessas, lançando no ar o aroma penetrante e saudavel das carnes assadas.

E o irmãozinho mais novo, que tinha nascido depois d'ella ter vindo para Lisboa, encheria a enorme cosinha com os seus gritos crystallinos, sem suspeitar que havia uma lacuna á mesa—a da irmã ausente. E toda a familia, um momento triste por um desgosto secreto em que não ousava fallar, olharia com ternura para o innocente, que a todos punha á vontade com a sua candura juvenil, e os absolvía do abandono a que tinham votado a peccadora.

E a pobre rapariga, encostada ao peitoril da janella, ardendo em febre, com uma tosse secca, despedaçadora, o olhar encovado

as pessoas que vivem sós, ergueu-se e foi remexer as gavetas. E foi então uma *etalage* de cartas e retratos, joias, madeixas de cabello, pequeninos *bouquets* de flores seccas, caixas d'amendoas, frascos de saes, toda a quinquilharia sentimental das paixões mundanas.

E com as suas mãos de cera, compridas e finas, revolveu todas as gavetas *de fond en comb'e*.

Subitamente, soltou um grito. Acabava de abrir pela primeira vez, depois que abandonara o lar paterno, um embrulhito com alguns objectos da sua *toilette* provinciana, em que nunca mais pensára desde que havia chegado a Lisboa.

A mãe, na sua solicitude ingenua, tinha entrouxado todos aquelles nadas, e metterá—para não se quebrar—entre os mitenes, as gollas, os laços, as rendas, as plumas, etc., etc., um bello Menino Jesus, que pertencia á filha, e lhe fôra dado pela madrinha, em pequena, e que a Magdalena todos os annos costumava erguer, n'um altar improvisado, cheio de flores naturaes, velas de estearina e pratos com trigo verde.

Profundamente commovida, com os olhos rasos d'agua, a pobre caiu de joelhos, estreitando contra o seio a pequenina imagem rosada do Redemptor.

E erguendo-se de subito, como louca, correu toda a casa á cata de pequenas caixas. E n'um ápice, armou sobre uma banca um throno, forrou-o de branco com toalhas, e abrindo um pacote de velas, distribuiu as pelos castiças da saleta e pelas palmato-



CHALET DAS ROSEIRAS

e ardente, errante e vago, via, como n'uma miragem, todas estas scenas.

De subito estremeceu. Sentiu bater á porta da escada. E repentinamente sacudida de alegria, inteiramente animada, correu a abrir.

Um moço de fretes estava no limiar da porta e estendia para ella uma carta.

Pegou-lhe tremendo. O homem desapareceu.

Com um presentimento, approximou-se da luz e leu: «Impossivel ir. A familia quer por força que a acompanhe á ceia em casa, e depois a S. Domingos. Não posso evadir-me. Papá é muito violento, como sabes. Tem paciencia, Nini. Até amanhã.—Arthur.»

A Magdalena deixou-se cair com um gemido sobre uma cadeira.

—Só, aqui, entre quatro paredes! murmurou ella com desespero, lançando o seu olhar brilhante de tísica sobre o papel setim das paredes.

E as lagrimas corriam-lhe sobre o rosto anguloso, de cera, n'um silencio tenebroso.

E pela janella dentro entrava a humidade da noite, fatal á sua organização delicada; mas ella não se importava com isso. Queria ao menos que o *brouhaha* da rua lhe fizesse companhia. Isto durou até ás duas horas da madrugada. Depois d'essa hora, tudo recahi no silencio desolador das noites de Lisboa. E ella, sempre com a janella aberta, ardendo em febre, apesar da humidade da noite, estendida sobre um divan, tossia, tossia, tossia sem cessar. Era o fim de tudo.

Com essa rara habilidade para matar o tempo, que possuem

rias do quarto da cama e collocou tudo nos degraus do pequeno altar, pondo o Menino Jesus no alto do throno, encantador e radiante na sua peanha doirada.

E depois, com um sorriso infantil de creança, bateu as palmas de contente, revendo-se na sua obra, sentindo-se acompanhada, sentindo mais vivas as suas recordações da infancia e da familia.

E erguendo as mãos, com amor, para o risonho bebé sagrado, que sorria eternamente nas suas bochechinhas gordas, a pobre rapariga chorava e ria ao mesmo tempo, pronunciava as palavras mais doces do seu repertorio feminino, chamando o Menino Jesus pelos nomes mais ternos, prostrada de joelhos no sobrado, em extase, sacudida a espaços por longos ataques de tosse.

\* \* \*

No dia seguinte, quando o seu amante—o Arthur, bateu á porta da peccadora, ninguém respondeu.

Reclamada a intervenção da auctoridade, foi a porta arrombada e encontrou-se a rapariga estirada no chão e vestida. Estava morta.

Fulminára-a a intensidade da commoção, forte de mais para o seu organismo derrancado.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica